

DISCURSIVIDADES

Do Espelho como Reflexão à Memória como Retenção – Maria Augusta Babo
 • Sentidos e Contextos da Corporeidade Marcada – Vítor Sérgio Ferreira •
 Imaginar a Nação Angolana: Reflexões em Torno de *Yaka* e *A Conjura* – Alexandra
 de Oliveira Dias Santos • O Caso Fernanda Karina: As Potencialidades do
 Acontecimento – Vera V. França e Marco Antonio V. de Almeida

EM ANÁLISE

O Efeito Território e o Sujeito Cultural: A Metrópole de Lisboa, as Dinâmicas Sociais
 e a Cidadania Cultural – Vítor Matias Ferreira • *Autochrome*: O Centenário da
 Visão Cromática na Fotografia do Quotidiano – Paula Figueiredo • A Insólita
 Existência das Estruturas Arquitectónicas: A Exposição de Candida Höfer – José
 Luís Garcia • Comunicação, Redes e Capitalismo Digital – Filipa Subtil

DEBATE

Apresentação – José Rebelo • Lugar e Tempo da Justiça nos Crimes contra a
 Humanidade – Hermenegildo Borges • Um Relacionamento Possível entre Justiça
 e *Media* – António Cluny • Tribunais e Órgãos de Informação: Semelhanças e
 Diferenças – Eurico José Marques dos Reis • Onde Está o Mistério do “Saco
 Azul” de Felgueiras? Ou como António Guterres e Cavaco Silva caíram às mãos
 do aparelhismo partidário – Eduardo Dâmaso • O Interminável Ficheiro Laib:
 Limite Severo ao Jornalismo Imposto pelo Modelo de Investigação do Terrorismo
 Jihadista – José Vegar • Darfur: A Urgência em Fazer Justiça – MCR • Do Autor ao
 Protagonista: a Autonomia da Obra Literária – Agnès Tricoire

LEITURAS

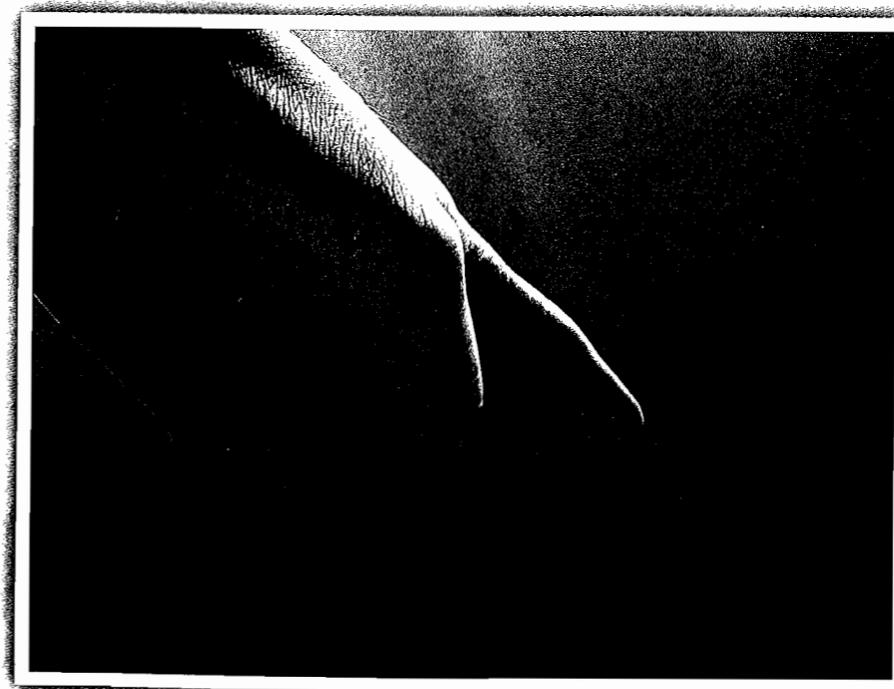
Rogério Santos – Introdução aos Cultural Studies, de Armand Mattelart e Érik
 Neveu • Sara Pina – Sigilo Profissional em Risco: Análise dos Casos de Manso
 Preto e de Outros Jornalistas no Banco dos Réus, de Helena de Sousa Freitas •
 Eduardo Marçal Grilo – Assim Acontece na Rádio, de Carlos Pinto Coelho

DIRECTOR: José Rebelo

DEBATE:

MEDIA, JUSTIÇA E ESPAÇO PÚBLICO

Julgar e Informar: Complementaridade ou Concorrência?



TRAJECTOS

Revista de Comunicação, Cultura e Educação

Periodicidade: semestral
N.º 10, Primavera de 2007

Director
José Rebelo

Conselho de Redacção

Alexandre Melo, Idalina Conde, José Luís Garcia, José Jorge Barreiros,
José Machado Pais, José Manuel Paquete de Oliveira, José Manuel
Prostes da Fonseca, José Rebelo, Pierre Guibentif, Teresa Seabra

Conselho Editorial

Abílio Martins (PT.COM), António Firmino da Costa (ISCTE), Eduarda Gonçalves (ISCTE),
Eduardo Prado Coelho (Univ. Nova de Lisboa), Fernando Luís Machado (ISCTE),
Gustavo Cardoso (ISCTE), Jean-Pierre Dubois (Univ. de Paris XI), Joaquim Azevedo
(Assoc. Empresarial Portuguesa), Manuel Castells (Univ. Aberta da Catalunha),
Maria Augusta Babo (Univ. Nova de Lisboa), Maria de Lurdes Lima dos Santos
(Observatório das Actividades Culturais), Mario Diani (Univ. de Trento),
Michel Wieviorka (Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris),
Miguel Gil (Prisa/Media Capital), Muniz Sodré (Univ. Federal do Rio de Janeiro),
Louis Quéré (Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris),
Jocelyne Arquembourg-Moreau (Universidade de Paris II, Instituto Francês de Imprensa)

Publicação



Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa
Departamento de Sociologia, Secção de Comunicação, Cultura e Educação
Av. das Forças Armadas, Edifício ISCTE
1649-026 Lisboa
Tel: 217903016 – Fax: 217903017
E-mail: jose.rebelo@iscte.pt

Edição

Fim de Século – Edições, Sociedade Unipessoal, Lda.
Travessa de Santo António da Sé, 10-1.º Dto.
1100-501 Lisboa
Tel: 218854250 – Fax: 218854259
E-mail: fds@fimdeseculo.com

Distribuição

Sodilivros, SA
Praceta Quintinha, Lt. CC4 – 2.º Piso r/c e c/v
2620-161 Póvoa de Santo Adrião
Tel. 219 380 600 – Fax 219 380 609
E-mail: geral@sodilivros.pt

Capa

Fernando Mateus

Tradução de resumos e palavras-chave

Isabela Salim

Impressão e acabamento

Tipografia Rolo & Filhos II, S.A.

ISSN 1645-5983-10
Depósito legal: 248172/06

Índice

DISCURSIVIDADES

- Do Espelho como Reflexão à Memória como Retenção ————— 7
Maria Augusta Babo
- Sentidos e Contextos da Corporeidade Marcada ————— 21
Vítor Sérgio Ferreira
- Imaginar a Nação Angolana: Reflexões em Torno de *Yaka* e *A Conjura* ——— 35
Alexandra de Oliveira Dias Santos
- O Caso Fernanda Karina: As Potencialidades do Acontecimento ————— 49
Vera V. França e Marco Antonio V. de Almeida

EM ANÁLISE

- O Efeito Território e o Sujeito Cultural:
A Metrópole de Lisboa, as Dinâmicas Sociais e a Cidadania Cultural ——— 71
Vítor Matias Ferreira
- Autochrome*: O Centenário da Visão Cromática na Fotografia do Quotidiano 89
Paula Figueiredo
- A Insólita Existência das Estruturas Arquitectónicas:
A Exposição de Candida Höfer ————— 97
José Luís Garcia
- Comunicação, Redes e Capitalismo Digital ————— 103
Filipa Subtil

DEBATE

- Apresentação ————— 113
José Rebelo
- Lugar e Tempo da Justiça nos Crimes Contra a Humanidade ————— 115
Hermenegildo Borges
- Um Relacionamento Possível entre Justiça e *Media* ————— 125
António Cluny
- Tribunais e Órgãos de Informação: Semelhanças e Diferenças ————— 131
Eurico José Marques dos Reis

Onde Está o Mistério do "Saco Azul" de Felgueiras? Ou Como António Guterres e Cavaco Silva Caíram às Mãos do Aparelhismo Partidário —————	137
<i>Eduardo Dâmaso</i>	
O Interminável Ficheiro Laib: Limite Severo ao Jornalismo Imposto pelo Modelo de Investigação do Terrorismo <i>Jihadista</i> —————	145
<i>José Vegar</i>	
Darfur: A Urgência em Fazer Justiça —————	153
<i>MCR</i>	
Do Autor ao Protagonista: A Autonomia da Obra Literária —————	163
<i>Agnès Tricoire</i>	
LEITURAS	
<i>Os Cultural Studies</i> —————	173
<i>Rogério Santos</i>	
Sigilo Profissional em Risco? —————	175
<i>Sara Pina</i>	
Trinta Entrevistas para uma Visão do Mundo —————	177
<i>Eduardo Marçal Grilo</i>	
RESUMOS (Abstracts) —————	181

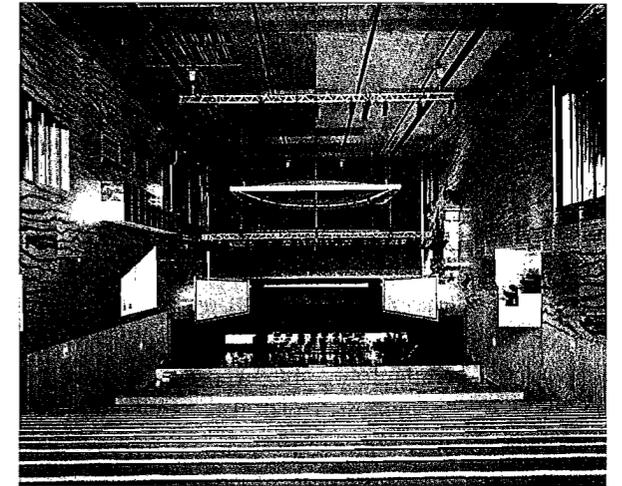
DISCURSIVIDADES

A Exposição de Candida Höfer*

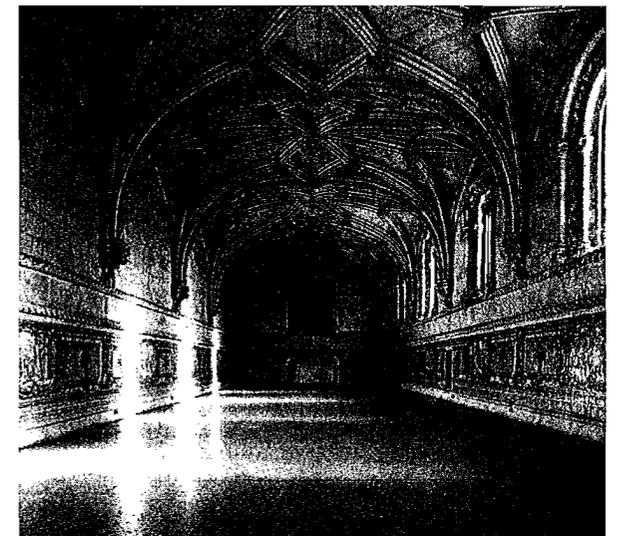
JOSÉ LUÍS GARCIA**

Comentar as fotografias de Candida Höfer, imagens de interiores desertos de pessoas – palácios, teatros, igrejas, bibliotecas, museus, salas de espectáculo, casinos, a que há que somar ainda um mercado e cenários do poder político como o Parlamento, pode ser considerado um desafio à imaginação sociológica. As suas imagens de espaços patrimoniais em Portugal (e não de Portugal, note-se) são simultaneamente uma afronta e um incitamento ao olhar sociológico. Impele-o a mover-se numa direcção de disponibilidade quanto ao insólito modo de existência não das pessoas, grupos e organizações, mas sim dos objectos, matérias e estruturas desprovidas de gente, como não é hábito do conhecimento sociológico, embora seja hoje atraente fazê-lo num mundo preñado de cultura material.

Candida Höfer é uma fotógrafa alemã que estudou com Bernd e Hilla Becher na Kunstakademie de Dusseldorf, entre 1976 e 1982, fazendo parte da primeira geração de artistas oriundos dessa herança. Höfer insere-se na corrente erguida pelos Becher, conhecida por Nova Objectividade alemã, que retomou a tradição da austeridade formal e o propósito documental de Ren-



Casa da Música, Porto, 2006



Mosteiro dos Jerónimos, Lisboa, 2005

* Este texto foi a base do comentário que realizei à exposição de Candida Höfer "Em Portugal", no Centro de Exposições do Centro Cultural de Belém, em 18 de Fevereiro de 2007, no âmbito do Ciclo Migrações.

** Sociólogo, investigador do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

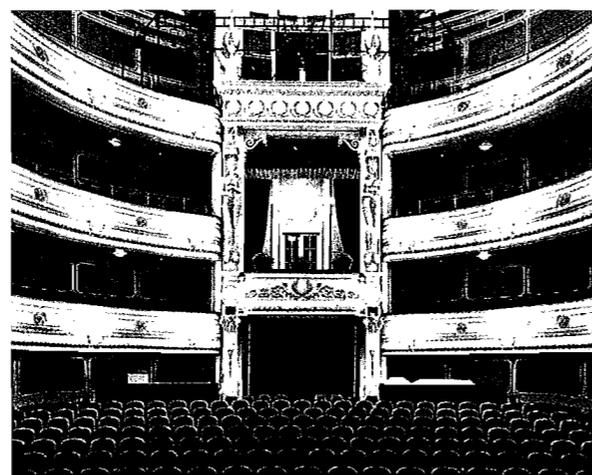
ger-Patzch e Moholy-Nagy, tal como foi incorporada conceptualmente pelos métodos de August Sander e Karl Blossfeldt. O seu trabalho tem um recorte nitidamente arquivístico, focalizando o património associado a monumentos e a interiores de edifícios públicos, onde se descobre um pressuposto documental distinguido pela ausência do elemento social, o que permite à fotógrafa encontrar a presença quase mágica das coisas. O objectivo explícito do trabalho de Höfer não passa por destacar os usos e as apropriações sociais. As suas fotografias procuram ser retratos objectivos, neutros e imunes às emoções, embora providos com um certo vigor e uma quietação fixa, marcados pela circunspecção e aludindo muito esquivamente às sombras que se ocultam no desconhecido de cada interior.

Grande parte das fotografias expostas oferece-se a uma meditação sobre uma certa concretização e individuação – mencionando, de forma inventiva, os conceitos de Simondon¹ – das construções arquitectónicas (salas, salões, paredes, colunas, corrimões), espaços de passagem (corredores e lanços de escadarias), dispositivos cénicos (palcos, tribunas, camarotes, plateias, filas de assentos, reposteiros), lugares interiores de teatralização do mundo e do poder (salões, bancas presidenciais, mesas disponíveis para banquetes, cadeiras, cadeirões, candeeiros, lustres), locais de arquivo e estudo (bibliotecas, estantes, livros), entre muitas outras estruturas, objectos e coisas como os chapéus-de-sol de um mercado ou as máquinas musealizadas.

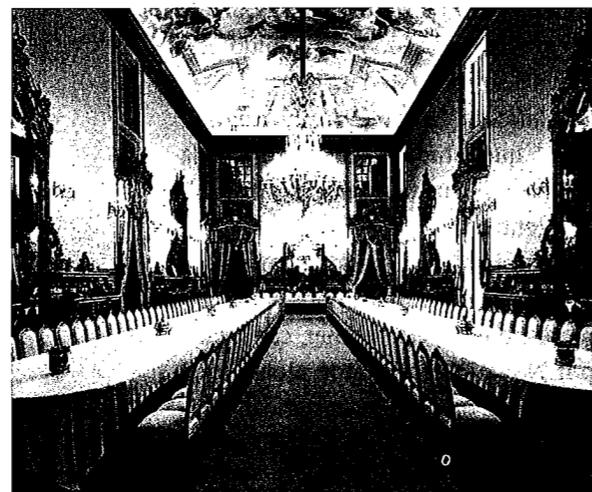
Nas imagens captadas pela objectiva de Candida Höfer, detectamos a força dos meios técnicos, dos nexos e da geometria que condiciona e direcciona a



Teatro Nacional de São Carlos, Lisboa, 2005



Teatro Nacional D. Maria II, Lisboa, 2005



Palácio Nacional da Ajuda, Lisboa, 2005

¹ Ver Gilbert Simondon, *Du Mode d'Existence des Objects Techniques*, Paris, Aubier Montaigne, 1969.

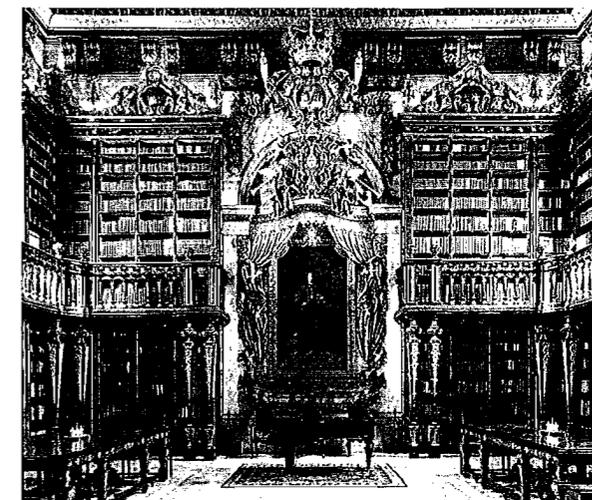
acção humana, em termos dos rumos que deve seguir, dos escolhos a evitar, da hierarquia imposta pelos lugares estabelecidos, dos ângulos do olhar, das formas de interacção social, dos interiores que se trespassam ou que estão vedados, das portas que se podem abrir e fechar. As suas imagens sugerem uma coerência interna, um assentamento no mundo e um sentido de desenvolvimento e de estirpe das construções e objectos que, ao lhes acedermos contra um fundo de ausência humana, insinuam persistentemente as múltiplas modalidades em que nos transportam, dispõem e atravessam – quase, diríamos, de forma intencionada.

Procurando situar-se no jogo de forças que se estabelece entre a limpidez da apresentação e a simulação da ambiguidade, um esforço permeável a que o olhar seja banhado por uma amplíssima sucessão de múltiplas percepções, as imagens de Candida Höfer implicam o metódico esvaziamento dos vestígios das pessoas e do elemento exterior, mas deixar indícios e sinais no espaço é algo que os seres humanos não podem evitar. Ao mesmo tempo que nos é franqueado o acesso às permutações no interior dos próprios objectos, todavia, nos estrados, palanques, cenas e proscénios despojados de indivíduos, nos compartimentos, recintos e divisões despovoados, e até nos guarda-sóis abertos do mercado do Bom Sucesso no Porto, o invisível dispara a nossa imaginação para os intercâmbios entre as coisas e o ambiente, para a descoberta das marcas das pessoas.

Apesar de serem espaços vazios, neles percebe-se a riqueza da intervenção dos indivíduos e da interacção social. São ambientes onde a intenção humana se encontra na construção dos espaços, na colocação dos objectos, no posicionamento da luz. Críticos do trabalho de



Palácio da Horta Seca, Lisboa, 2005



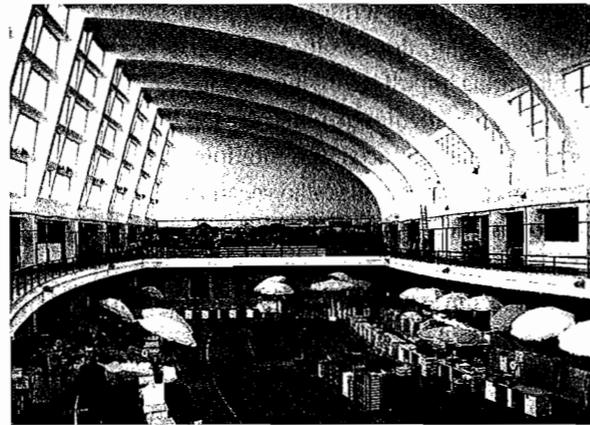
Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, 2006



Palácio Nacional de Queluz, 2006

Höfer, como Shelley Rice, têm observado que a estrutura arquitectónica é um elemento fundamental que suporta a ordem social, mas a civilização e os seus descontentamentos são também visíveis no mobiliário, ornamentos, arte, sinais da ordem (por vezes da desordem) que definem o intuito humano. “A acção recíproca que tem lugar entre os homens – prescindindo do que em outros aspectos signifique – sente-se como o acto de encher um espaço”, escreveu Simmel² para nos lembrar esse universo de ligações entre os seres, os objectos e o meio que frequentemente nos escapa.

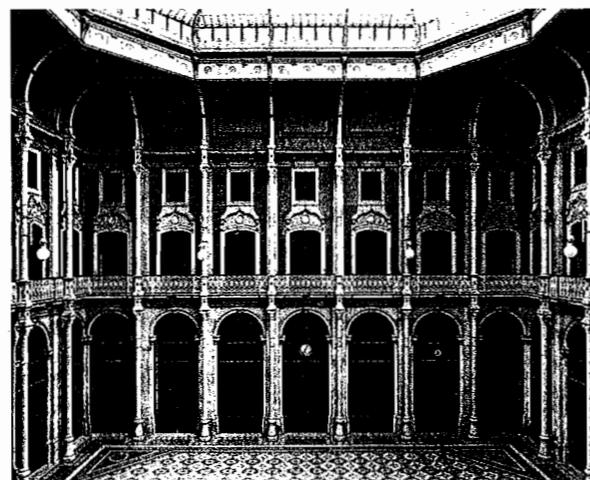
As estruturas arquitectónicas incorporam e produzem histórias, narrativas, relações de poder, e as retratadas por Höfer centram-se nos espaços arquitectónicos onde têm lugar os enredos e os confrontos políticos e sociais da civilização europeia. São áreas interiores, públicas, dedicadas à interacção social e à transmissão de conhecimentos e cultura, por vezes centros de poder ou de comércio – espaços em que a arquitectura e uma alma europeia se unem. As enormes fotografias de interiores tridimensionais com as suas perspectivas dramáticas e os seus espaços sepulcrais retratam salas consistentes e perduráveis, preenchidas com tapeçarias e obras de arte, vestígios do conhecimento e da cultura, daquilo que o Ocidente necessita para exprimir a sua cosmovisão, contextos figurados em que as relações de poder se tornam manifestas e os episódios podem ocorrer. Os espaços estão marcados pelo tempo, os livros amarelados e as cadeiras de estofos coçados, as camadas temporais sobrepõem-se. Espaços com coisas envelhecidas, mas que pretendem a eternidade, a imortalidade, a transcendência.



Mercado do Bom Sucesso, Porto, 2006



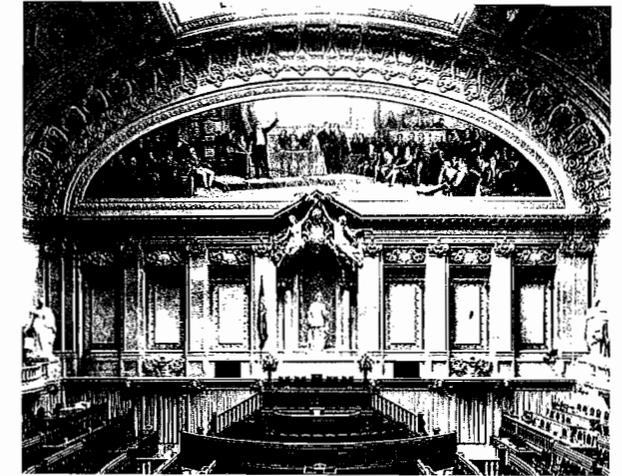
Palácio de Belém, Lisboa, 2006



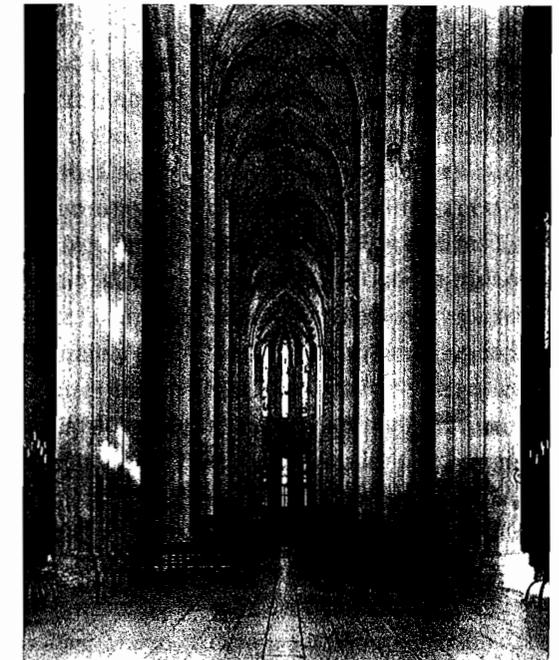
Palácio da Bolsa, Porto, 2006

Mas as tribunas, os camarotes e as plateias da ópera, dos teatros, dos coliseus, das igrejas e do parlamento são também formas de marcar hierarquias. Os grandes salões onde as pessoas se encontram nos intervalos constituem áreas de exibição e produção de aparências. É sob o enquadramento cerimonial que decorre nesses cenários que os poderes se mantêm, manipulando imagens e símbolos, sob um manto de grandiosidade, ostentação, fausto, protocolo, onde cada um desempenha um papel e ocupa o seu lugar. A expressão espacial indica a hierarquia das classes e dos estatutos, sinaliza as diferenças e distinções.

A exposição de Höfer gera uma espécie de monumentalização sem muros da monumentalidade, em que se pode aceder às camadas complexas de sentido inerentes às expressões arquitectónicas ocidentais. Vistas em conjunto, as suas imagens proporcionam uma perspectiva panorâmica, uma imagem do alcance extensivo da modernidade – os seus sonhos de universalidade, as suas forças, glórias, falhanços, crenças, tal como foram levados para todo o mundo e estão também evidenciados em Portugal. Os interiores barrocos, modernos e contemporâneos que descreve oferecem-nos o plano de composição de visões de sabedoria, de eternidade e de rectidão contidas nestas estruturas. À robustez calma desta arquitectura opõe-se o carácter movente e inessencial dos seus habitantes.



Palácio Nacional de São Bento, Lisboa, 2006



Mosteiro da Batalha, 2006

² Ver Georg Simmel (1986 [1908]), *Sociologia 2 – Estudos sobre las formas de socialización*, Madrid, Alianza Editorial, p. 645.

Comunicação, Redes e Capitalismo Digital

FILIPA SUBTIL*

Uma nova concepção de comunicação, com um enorme potencial mobilizador e que extravasa o papel da imprensa, começa a estabelecer-se, ao longo do século XIX, com origem na ideia de rede. É no início de Oitocentos que a metáfora da rede se desloca do corpo humano e da medicina para as vias de transporte traçadas no território. A rede é concebida, na altura, como um grande maquinismo auto-regulado e sobreposto no território, e o melhor exemplo disso viria a ser o caminho-de-ferro. A rede, que era natural, tornou-se artificial. Enquanto o médico observava a rede, o engenheiro concebe-a e constrói-a.

O termo comunicação passa a remeter para um sistema técnico de redes, sob a influência de destacados seguidores da figura de Saint-Simon – que Marx cunhou como um dos “socialistas utópicos” –, como Barthélémy-Prosper Enfantin e mais tarde Michel Chevalier. As redes que teorizaram são de dois tipos: materiais, identificadas sobretudo com as linhas de transporte, e imateriais/“espirituais”, associadas aos fluxos financeiros dos bancos. As novas redes de comunicação e transporte são consideradas não apenas como mediadoras de transformações sociais, mas produtoras de relações sociais, até mesmo de uma transformação social capaz de conduzir os homens ao ideal de “associação universal” e a um “futuro pacífico de prosperidade e glória” (Chevalier *apud* Musso 1999: 108).

O primeiro grande projecto de criação de redes técnicas, visando a unificação de espaços e comunidades dispersas, terá nascido das convicções defendidas por Enfantin, no primeiro quartel do século XIX. Estas foram a base para a criação, impulsionada por Chevalier, de um sistema de caminhos-de-ferro e de canais apoiados no sistema bancário. Procura-se com tenacidade vencer a distância, através de uma dinâmica reticular dependente de uma estrutura física.

Saint-Simon tinha preconizado uma proposta de organização social e política em que a congregação de interesses, resultante do sistema industrial, devia procurar compatibilizar o ideal de eficácia e de egoísmo económico, baluartes da nova organização económica fundada na ciência e na tecnologia, com os mais elevados sentimentos morais, pois só estes garantem a existência de uma comunidade pacífica, coesa e próspera. No progresso da ciência, da tecnologia e da economia, vislumbrava Saint-Simon uma oportunidade eminente de erguer uma associação universal, se bem que pensasse que o egoísmo não podia dispensar um conjunto de ideais morais comuns. Para construir uma sociedade não bastava egoísmo moral e económico, nem interesses bem organizados, seria necessário um fim último que deveria ser tido como o fim das condutas humanas – o interesse pelos outros homens, a simpatia, uma moral de solidariedades. A partir deste projecto, a corrente saint-simoniana tendeu a identificar a “associação universal” com as redes de comunicação material e financeira. Como mostra Pierre Musso, num artigo de *Le Producteur* (um dos órgãos oficiais

* Docente na Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa.

daquela corrente¹), de Maio de 1826, “[Enfantin defende que] o sistema geral de comunicações deve ser aplicado à escala do globo, território da humanidade, a fim de realizar a sua associação universal que visa “desenvolver a combinação de esforços no sentido de um objectivo comum; a exploração do globo que habitamos”. Enfantin desenvolve a ideia de uma combinação de redes materiais de transporte e de redes imateriais de crédito para constituir um sistema geral de comunicações sofisticado. Em *Le Producteur*, consagra múltiplos artigos à questão da moeda e do crédito, ou seja, à troca imaterial, ulteriormente qualificada de “espiritual”” (Musso 1999: 100-101). Nesta acepção, o engenheiro politécnico, não o homem de letras ou o jornalista, torna-se, pela sua actividade profissional, o protagonista da sociedade industrial em rede.

É com Chevalier, um crítico tenaz dos movimentos socialistas igualitários e simultaneamente um forte opositor às visões que enfatizam os malefícios dos caminhos-de-ferro, que se estabelece a legitimação política das redes técnicas e financeiras da comunicação. Melhorar as comunicações é, escreveu Chevalier num relatório de 1836 sobre o sistema de comunicação dos EUA, “trabalhar em prol da liberdade real, positiva e prática; é fazer com que todos os membros da família humana participem da faculdade de percorrer e explorar o globo que lhe foi dado como património; é estender as liberdades do maior número tanto e tão bem quanto é possível fazê-lo por leis de excepção. Direi mesmo mais, é fazer igualdade e democracia. Os meios de transporte aperfeiçoados têm como efeito reduzir distâncias não só entre dois pontos, mas também entre duas classes” (Chevalier *apud* Mattelart 2000: 118).

A confiança de Chevalier nas potencialidades das redes leva-o a afirmar que a função dos caminhos-de-ferro é idêntica à da religião: *religare*. Este meio de transporte é o mais poderoso meio de ligação de comunidades dispersas e da pacificação das relações entre os povos, nomea-

damente aqueles que circundam a bacia do Mediterrâneo, lugar histórico de contiguidade e confronto entre o Ocidente e o Oriente. Paradoxalmente, Chevalier defende que a tão desejada confederação mediterrânica, erigida por uma multiplicidade de redes técnicas que se cruzam e sobrepõem, deve ser governada pelos centros de poder técnico da comunicação, sob o perigo de cair na anarquia. Do seu ponto de vista, são os Estados detentores do poder tecnológico os que reúnem as melhores condições para governar e impor a sua vontade, cabendo-lhes a função de dinamizar as periferias inertes que gravitam em seu redor.

Assim, em finais do século XIX, a par de uma concepção de comunicação como meio de cultura e formação de uma comunidade argumentativa, oriunda da tradição literária e humanista dos intelectuais, desenvolve-se uma tendência que a associa a uma dimensão mais tecnológica e ligada aos transportes e à transmissão. Assiste-se ainda ao início da expansão do espaço de publicidade comercial na imprensa e ao paralelo decréscimo e encurtamento das notícias. As grandes empresas começam a privilegiar a relação com os seus clientes através de anúncios na imprensa, transformando o jornal num meio poderoso para os fins do universo comercial. As notícias com expectativa de mercado começam a ser exploradas e os jornais tornam-se largamente dependentes da publicidade. Ao mesmo tempo, esta imprensa é mais independente dos poderes políticos, ainda que mantenha laços estreitos com a esfera política. Esses níveis de independência perante o poder político possibilitam a realização de um jornalismo de enfrentamento com as figuras políticas, como nos casos de corrupção, o que permite granjear audiências cada vez maiores, as quais, por sua vez, cativam mais anunciantes. Em termos de meio de produção de massas, distribuição e publicidade, o jornal moderno precede as formas de comércio e a economia de consumo futuras.

¹ Para além de *Le Producteur*, fundado em Junho de 1825 e extinto no final do ano seguinte, foi ainda editado *L'Organisateur*, lançado em Agosto de 1829, e *Le Globe. Journal de la Doctrine Saint-Simonienne*, que circulou entre 1830 e 1832.

Em paralelo, já no século XX, e depois da invenção do cinema, desenvolvem-se a rádio e a televisão graças à aplicação da electrónica ao sector dos *media*. Na sequência da expansão destes, constitui-se um novo sector que se irá autonomizar: a “gestão da comunicação”, na qual se englobam as relações públicas, a publicidade, o *marketing* e os serviços de comunicação e informação internos das empresas.

Numa sociedade marcada por um profundo dinamismo económico e de permanente inovação tecnológica, a esfera da informação conquista um protagonismo extraordinário que a obriga a mudanças profundas. A melhoria dos transportes, a alteração dos estilos de vida nas cidades e a divisão social do trabalho incentivam a procura crescente de notícias e de vários subprodutos dos *media* que passam a ser fornecidos, em grande medida, pela imprensa. Nestas circunstâncias, e graças a uma capacidade de disseminação a larga escala nunca antes alcançada, os jornais tornam-se poderosas instituições sociais. Na sua dimensão de máquinas de convencer e de ligação aos que detêm a capacidade de exercer liderança social e política, a imprensa potencia, de forma constante, o seu próprio poder de influência pública. Torna-se o veículo mais importante de transmissão de ideias entre grupos sociais, nomeadamente entre as autoridades e o seu público, bem como de diversos tipos de propaganda e de mimetismo social.

Instrumento poderoso e efectivo de informação, a imprensa transforma-se também rapidamente num suporte essencial do estabelecimento da economia de mercado, ao mesmo tempo que assume contornos de produto económico. A sua sobrevivência passa a estar determinada pelo sucesso comercial, materializado nas receitas de publicidade e na venda de assinaturas. Apesar das possibilidades abertas pelos meios técnicos de informação, a condição económica da imprensa tem consequências ambíguas e até devastadoras na cobertura dos factos e na qualidade do produto jornalístico, para usar o diagnóstico dos

sociólogos norte-americanos que primeiramente a estudaram. Baseada na captação permanente de novos leitores e na fidelização dos já existentes, a inserção económica da imprensa conduz à produção e disseminação de superficialidades e notícias sensacionalistas. Trata-se de um jornalismo centrado no presente e na novidade, cada vez mais afastado da reflexão e do debate (Hardt 2001: 143-168 e Subtil 2006a: 1076-1080).

O segundo território dos *media*,² embora mais recente, mas com um desenvolvimento rápido, é o das telecomunicações². Este abrange o conjunto de serviços e tecnologias que têm como objecto a transmissão, emissão ou recepção de sinais ou signos, de mensagens escritas, imagens ou sons por fio radioeléctrico, óptico ou outros sistemas electromagnéticos.

Recordemos que o termo telégrafo tinha surgido, em 1792, com as primeiras linhas de semáforos. Por efeito da introdução do telégrafo, estão criadas as condições técnicas necessárias para o crescimento dos *media* de expansão nacional e para a formação de uma audiência nacional. Meios destinados a uma audiência cada vez mais vasta e que, abdicando das mediações locais e regionais, se encontram, pela primeira vez, directamente conectados com a comunidade nacional. Os caminhos-de-ferro e o telégrafo são, de facto, a infra-estrutura de uma sociedade nacional (Carey 1997: 322-323). Este novo e amplo mercado nacional potencia a multiplicação de serviços telegráficos que exigem, por questões financeiras, uma escrita simples, curta e estandardizada, liberta de particularismos, que sirva audiências cada vez mais extensas e heterogéneas. As origens da objectividade no jornalismo encontram-se, assim, na necessidade de disseminar a linguagem no espaço através das linhas do telégrafo. Esta rede de comunicação à distância contribuiu sobremaneira para a produção e difusão crescente nas redacções de uma prosa mais pobre e de pior qualidade. Perante o crescimento exponencial das ocorrências que chegam às redacções, estas

² A palavra “telecomunicação” foi utilizada pela primeira vez, em 1900, pelo engenheiro de telégrafos Édouard Estaunié.

vêm-se na contingência de alterar por completo o seu modelo organizacional. Os procedimentos noticiosos são rotinizados e a estrutura e organização da redacção assemelham-se cada vez mais à linha de montagem de uma fábrica. Tal como qualquer outra mercadoria, as notícias passam a ser objecto de todo o tipo de procedimentos industriais. Esta produção noticiosa em larga escala, e com fins comerciais, contribuirá decisivamente para o progressivo desaparecimento de um determinado tipo de jornalismo. A urgência, valor que passa a pautar as relações entre os produtores de informação e as audiências, não mais se compadece com um jornalismo pormenorizado e analítico (Carey 1992 [1989]: 201-230; Sorlin 1997).

Se na esfera da informação, o século XIX tinha sido o século da imprensa escrita, o século XX anuncia-se como o da virtualidade informacional que se tornará, de forma clara desde 1980, no eixo de um novo capitalismo e de uma nova sociedade. O telefone foi um dos meios que reforçou essa tendência, acrescentando-lhe de forma gradual as características que virão a ser as da era da informação moderna.

Tendo como antecedentes tecnológicos os sistemas de telegrafia óptica e o telégrafo de Claude Chappe, a telegrafia eléctrica de Samuel Morse, a transmissão radioelétrica de Marconi e a indústria telefónica de Graham Bell, os alicerces da estrutura e da indústria das telecomunicações à distância estavam lançados, tendo protagonizado o início de um esforço de aperfeiçoamento contínuo do rendimento da comunicação, em termos quantitativos e energéticos.

Ao longo do período que vai de 1935 ao início dos anos 1950, e que coincide, em grande

medida, com a II Guerra Mundial, os desenvolvimentos tecnológicos iniciais são prolongados, multiplicando-se as descobertas no domínio das tecnologias da informação, consideradas cruciais para os esforços de guerra. Em 1945, o primeiro computador, o ENIAC, começa a funcionar na *Moore School of Engineering*, na Universidade da Pensilvânia. Norbert Wiener, professor do MIT e fundador da cibernética, a ciência do controlo e das comunicações, procura estendê-la ao *design* de próteses humanas, à neurofisiologia e aos sistemas de comunicação. Em 1949, William Shockley, Walter Brattain e John Bardeen recebem o Prémio Nobel da Física pela descoberta do transistor, instrumento que veio substituir o tubo de *vacuum* como componente fundamental dos sistemas eléctricos. Ao mesmo tempo, em Los Alamos, no Novo México, o matemático John von Neumann é contratado como consultor para calcular a exequibilidade dos planos da bomba H, em particular o modelo matemático de explosão, que requeria uma quantidade enorme de cálculos (um milhão de cartões perfurados). A investigação multidisciplinar nas áreas das tecnologias da informação é fomentada e apoiada por fundos federais, que a consideram fundamental e absolutamente justificada pelas necessidades militares³.

O terceiro e mais recente território é o que se organiza em redor da informática⁴, enquanto técnica de tratamento automático da informação. Embora o emprego das matemáticas aplicadas, nomeadamente da aplicação do cálculo à técnica, remonte pelo menos ao século XV, aos artilheiros de Carlos VIII, só no século XX estão criadas as condições para que a comunicação seja tratada como cálculo. O matemático Alan Turing, ao formalizar a noção de algoritmo,

dará um importante contributo para a fundamentação teórica da informática moderna⁵ (Lévy 1996: 157-183).

O computador, num primeiro momento desenvolvido para fins bélicos ultra-secretos, rapidamente se transforma num utensílio indispensável a aplicações correntes. Em 1951, o UNIVAC torna-se no primeiro computador para uso civil a ser comercializado. Nesta década, o mercado civil dos computadores é restrito e incomparável ao mercado aberto pelas necessidades de guerra e de governo. Nesta fase, apenas algumas dezenas de máquinas são absorvidas por aplicações civis, e as previsões futuras de desenvolvimento revelam-se pouco animadoras. Até 1960, não existiam mais do que uns milhares de computadores em âmbitos não militares em circulação, dos quais 500 eram o famoso IBM 650, vendidos para o mercado tradicional da mecanografia. Em 1966, passaram a existir nos EUA 34 900 computadores, sendo que 10 700 eram máquinas directa ou indirectamente ao serviço do Estado. Destas, três quartos eram utilizadas pelo governo, estando destinadas ao Departamento de Defesa. Quinze anos após a comercialização do primeiro computador, em 1951, 50 000 computadores estavam já instalados no mundo ocidental, representando um valor de cerca de 20 biliões de dólares. A partir de então, esta indústria conhecerá um desenvolvimento sem precedentes. Numa primeira fase, os seis principais produtores são os EUA, o Japão, a França, o Reino Unido, a Alemanha e a Itália, os únicos países que no mundo dispõem de um produto nacional bruto suficiente para se comprometerem industrialmente neste novo sector de actividade. Mas rapidamente serão oito companhias dos EUA a dominar o negócio, partilhando entre si 90% do mercado mundial⁶ (Breton 1987).

O aparecimento da microinformática, no início dos anos de 1970, altera radicalmente não só as pequenas aplicações, mas o conjunto da informática. A invenção do microcomputador tem como objectivo pôr em causa a centralização e a posse de informações privilegiadas por parte de alguns grupos. A microinformática constitui uma espécie de revolução dentro da revolução, e o seu radicalismo está em parte na origem do nascimento da cultura informática, partilhada por um público vasto e ela própria factor de uma certa democratização da vida social e do saber (Breton 1987). Na medida em que o modelo de Shannon subjaz à informatização, ele está hoje, mais do que nunca, contido nas explicações sobre a chamada sociedade da informação, contribuindo, em conjunto com a cibernética, para o desenvolvimento da economia da informação e do que Dan Schiller (2002) designa como "capitalismo digital". É deste modo que as redes mundiais, sonhadas pelo utopianismo prometeico da corrente saint-simoniana, tomam finalmente forma através das auto-estradas da informação tecnológica, a vários níveis muito distintas daquilo que tinha sido imaginado.

O âmbito da informação e da comunicação passou a extravasar por completo os domínios da imprensa, impondo-se crescentemente como sector económico, não só relevante como crucial para a produção e gestão de conhecimento valorizado pelo mercado. Nas últimas décadas, a informação abrange o conjunto formado pelo clássico sector dos *media*, das telecomunicações e da informática.

Tal como noutros períodos, o processo de convergência entre estes sectores é também acompanhado por concepções utópicas que mantêm uma visão da comunicação como uma alter-

³ A opinião pública dos EUA era, também, depois do desfecho dos acontecimentos mundiais dos anos de 1940, uma forte apoiante da investigação científica, que considerava essencial para encontrar soluções para quase todos os problemas. As tecnologias à distância eram identificadas pela opinião pública norte-americana como "tecnologias da liberdade" (Breton 1987).

⁴ Este termo foi proposto por Philippe Dreyfus. Em 1966, a Academia Francesa aceitou-o com a seguinte definição: "Ciência do tratamento racional, nomeadamente por máquinas automáticas, da informação considerada como o suporte dos conhecimentos humanos e das comunicações nos domínios técnicos, económicos e sociais".

⁵ O terreno da informática foi também amplamente preparado pelo desenvolvimento da mecanografia, inventada por Hermann Hollerith, fundador da companhia que se transformará, mais tarde, na IBM. Esta técnica tinha como objectivo mecanizar a recolha e tratamento de dados estatísticos e contabilísticos e, mais genericamente, de todas as informações sociais e económicas com que nos deparamos. Os cartões perfurados que utilizava como suporte de informação tinham a particularidade de ser um suporte universal, o que lhe valeu um êxito significativo, mas temporário. Apesar da sua universalidade, as máquinas mecanográficas rapidamente se revelaram instrumentos pouco práticos perante o desenvolvimento exponencial das necessidades.

⁶ Em 1962, a IBM detinha 65,8% da produção mundial de computadores (Breton 1987).

nativa à desordem política que o mundo tinha testemunhado com as duas guerras mundiais. Desde finais de 1980 que este facto é assinalado e analisado por um conjunto vasto de teóricos e estudiosos. Breton e Proulx chamam "explosão da comunicação" à confluência entre os vários domínios técnicos e económicos da informação, acompanhado de um "projecto utópico de uma sociedade da comunicação" (1997: 22). Num sentido próximo, José Luís Garcia cunha esta nova constelação comunicacional no plano económico, na qual se incluem, por exemplo, os grupos Murdoch, Maxwell, Hachette, Prisa e Impresa, como "sistema multimix dos *media*" (1996; 1997).

Todavia, a vulgarização da expressão comunicação para aglutinar os vários domínios focados e, ao mesmo tempo, a disposição que se foi delineando para a interpenetração entre eles, sob o efeito das possibilidades que abrem aos mais diversos níveis, não nos deve eximir à tarefa de reflectir sobre o significado das diferentes tradições em que cada um desses sectores tem raízes, quais as suas discrepâncias em termos socioculturais e que tipo de evolução complexa se está a desenhar.

Em rigor, o conceito de comunicação, apesar do lugar central que foi obtendo pelas reflexões oriundas de perspectivas científicas, disciplinares, tecnológicas e operacionais muito distintas, nunca adquiriu precisão e estabilidade, devido justamente à diversidade de campos especializados aos quais a comunicação diz respeito. Ora, a tendência para o incremento da integração das diferentes tecnologias da informação e da comunicação – e do mundo económico a elas associado – torna ainda mais difícil analisar e aceder a uma acepção unificada do seu conceito. Este fenómeno é fruto de uma evolução das técnicas de transmissão de informação em que tanto nos deparamos com diferenças que se vão, em certas áreas, dissipando, como nos deparamos com outras que tendem a seguir um percurso de desencontro e, mesmo, de divergência. Nesta linha de raciocínio, reconhece-se que, na apreciação dos "três novos territórios da comunicação" focalizados, é importante não "minimizar as diferenças iniciais que existem entre eles", nem "a evolução complexa" que está a ocorrer entre os

mesmos nas últimas décadas (Breton e Proulx 1997). Pode ainda ser acrescentado que várias das diferenças iniciais entre as tecnologias da comunicação não podem ser analisadas como simples "contingências históricas cujo efeito se iria dissipando", pois essas discrepâncias "são decerto chamadas a manter-se e eventualmente a ampliar-se" (*ibid.*, 116). A evolução complexa da actual constelação informacional implica, por um lado, tendências para a homogeneização dos três territórios da informação e, por outro, para a conservação de certas diferenças provavelmente irreduzíveis.

Evidenciámos já que este agregado de técnicas e campos de informação e comunicação se tornou num dos elementos mais significativos no plano económico. Devemos acrescentar que, tal como o foram para a formação de uma sociedade e economia nacionais, aquele conjunto de técnicas joga um papel determinante para a existência de uma dinâmica globalizante aos níveis económicos e culturais, dando lugar a um espaço transnacional de informação. A existência de empresas e actores transnacionais na economia (*major corporations*, gestores e burocratas globais) é concomitante às possibilidades abertas pelos meios técnicos para o estabelecimento desses laços. De facto, a aposta no desenvolvimento de tais meios acompanha o processo de transnacionalização/mundialização da actividade económica. Não surpreende, portanto, que sejam as grandes potências económicas as obreiras do ciberespaço, que tem como um dos principais objectivos estender espacialmente as actividades económicas e o mercado. Se é correcto falar de globalização no domínio informacional é porque existe um mercado global de informação, que se concentra na área de influência da OCDE, isto é, em zonas de capitalismo avançado, onde se têm constituído os grandes grupos transnacionais dos *media* e novos *media*.

A actual convergência das tecnologias da informação com outros sectores técnicos e económicos surgidos nos anos de 1970 e 80 está baseada na incorporação do conhecimento e é o motor da chamada "economia do conhecimento". Este complexo tecno-económico contém traços lógi-

cos e ideológicos próprios das esferas tecnológicas incorporadas e das suas ligações estreitas aos sectores económicos envolvidos nas novas formas de produção e gestão do conhecimento.

Em apenas um século, a noção de rede aplicada à comunicação perdeu irremediavelmente a dimensão utópica, prometeica e humanista da comunidade de sentimentos e da constituição de laços fraternos entre os povos, e associou-se a uma dinâmica de globalização apoiada em formas de controlo espacial, de comércio de bens em larga escala, de propaganda e alienação cultural.

Evidentemente, neste texto não enfatizámos o valor científico inegável das descobertas no âmbito da informação e da comunicação, nem os imensos aspectos promissores que nelas podem ser investidos. Num tempo em que a informação se tornou numa das bases fundamentais do capitalismo e em que as tecnologias da informação têm tido um papel insubstituível na formação de uma sociedade de mercado globalizada, alguma necessidade teremos de expor as sombras que elas também implicam.

Bibliografia

- BRETON, Philippe (1987), *Une Histoire de l'Informatique*, Paris, Éditions La Découverte.
- BRETON, Philippe e PROULX, Serge (1997 [1989]), *A Explosão da Comunicação*, Lisboa, Bizâncio.
- BRETON, Philippe (1997 [1992]), *L'Utopie de la Communication. Le Mythe du "Village Planétaire"*, Paris, La Découverte.
- CAREY, James (1992 [1989]), "Technology and Ideology: The Case of the Telegraph" in *Communication as Culture. Essays on Media and Society*, Londres, Unwin Hyman, pp. 201-230.
- (1997), "Afterword. The Culture in Question" in MUNSON, Eve Stryker e WARREN, Catherine A. (eds.), *James Carey. A Critical Reader*, Londres e Minneapolis, University of Minnesota Press, pp. 308-339.

- GARCIA, José Luís (1997), "A Internet e os Serviços Electrónicos de Informação" in *JANUS 98 – Anuário de Relações Exteriores*, Lisboa, Público/ UAL, pp. 74-75.
- (1996), "Portugal no Mercado Global da Informação" in *JANUS 97 – Anuário de Relações Exteriores*, Lisboa, Público/ UAL, pp. 90-91.
- HARDT, Hanno (2001), *Social Theories of the Press. Constituents of Communication Research 1840s to 1920s*, Nova Iorque e Oxford, Rowman & Littlefield Publishers inc.
- LÉVY, Pierre (1996 [1989]), "A Invenção do Computador" in SERRES, Michel, *História das Ciências*, Lisboa, Terramar, pp. 157-183.
- MARTINS, Hermínio (2005), "The Metaphysic of Information. The Power and the Glory of Machinehood", *Res-Publica – Revista Lusófona de Ciência Política e Relações Internacionais*, vol. I, 1-2, pp. 165-192.
- MATTELART, Armand (2000 [1999]), *História da Utopia Planetária. Da Cidade Profética à Sociedade Global*, Lisboa, Bizâncio.
- MUSSO, Pierre (1999), *Saint-Simon et le Saint-Simonisme*, Paris, PUF.
- SCHILLER, Dan (2002 [1999]), *A Globalização e as Novas Tecnologias*, Lisboa, Editorial Presença.
- SORLIN, Pierre (1997 [1994]), *Mass Media*, Oeiras, Celta.
- SUBTIL, Filipa (2003), "Para uma Teoria da Globalização *avant la lettre*. Tecnologias da Comunicação, Espaço e Tempo em Harold Innis" in MARTINS, Hermínio e GARCIA, José Luís (coords.), *Dilemas da Civilização Tecnológica*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, pp. 287-311.
- (2006a), *Compreender os Media. As Extensões de Marshall McLuhan*, Coimbra, Minerva-Coimbra.
- (2006b), "A Comunicação entre a Utopia e a Tecnocracia. Para uma Fundamentação Teórica das Tecnologias da Informação" in *Análise Social*, vol. XLI, 181, pp. 1075-1093.